

# EM BUSCA DO “QUÊ” E DO “COMO” AVALIAR - UM RELATO DE EXPERIÊNCIAS -

IN SEARCH OF THE "WHAT" AND "HOW TO" EVALUATE  
- A REPORT OF EXPERIENCES -

SANDRA MARIA DIAS QUEIROZ<sup>1</sup>, EMÍLIA PESSOA PEREZ<sup>2</sup>

1. Mestre em Educação, Pedagoga, Farmacêutica-Bioquímica, sócia-diretora da Diálogos Consultoria Educacional; 2. Phd em Medicina Clínica, Professora de Pediatria da UFPE, coordenadora do Curso de Medicina da Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba (FCMPB).

\* Avenida Presidente Epitácio Pessoa, 2515 - S1102 – Centro, João Pessoa, Paraíba, Brasil. CEP 58039-000. [sdiasq@ibest.com.br](mailto:sdiasq@ibest.com.br)

Recebido em 29/08/2013. Aceito para publicação em 09/09/2013

## RESUMO

O presente trabalho aborda questões relativas à avaliação do processo ensino-aprendizagem em cursos de graduação de medicina a partir de experiências/vivências das autoras, na discussão com professores sobre práticas avaliativas no interior desses cursos, cujos currículos estavam em momentos de grandes mudanças. As questões que nortearam a discussão foram muitas, mas presumidamente apresentadas em duas categorias de pensamento: o QUÊ e o COMO do processo de avaliação. Questões complexas, de natureza filosófica, didático-pedagógica, política, que necessitam ser pensadas continuamente, e de forma cada vez mais profunda, com fins a uma nova significação de práticas avaliativas, mais aproximadas das necessidades dos atuais desafios da educação médica.

**PALAVRAS-CHAVE:** educação médica, avaliação, prática avaliativas.

## ABSTRACT

This paper discusses matters relating to the evaluation of the teaching-learning process in undergraduate medicine based on the experiences / experiences of the authors in discussion with teachers about assessment practices within such courses whose curricula were times of great change. The questions that guided the discussion were many, but presumably presented in two categories of thought: WHAT and HOW TO of the evaluation process. Complex questions of a philosophical nature, educational, pedagogical, political, that need to be thought out continuously, and an ever deeper purpose to a new meaning of evaluation practices, the more approximate the needs of the current challenges of medical education.

**KEYWORDS:** Dentistry, Ethics, Professional profile.

## 1. INTRODUÇÃO

Hoje, no Brasil, o desafio é formar médicos com amplos saberes do seu campo de atuação, relativos não só aos fundamentos técnico-científicos contextualizados, mas que ajam de forma mais acolhedora, mais condizente com as políticas de humanização preconizadas, inclusive, pelo Ministério da Saúde. Nessa perspectiva, não basta ter um excelente desenvolvimento pessoal e profissional, ser crítico frente ao saber, ter a criatividade para atuar em situações limites e resolver os problemas inerentes ao processo saúde-doença, mas também possibilitar uma formação que desperte o espírito de cidadania, o senso de responsabilidade social e o agir pautado em princípios éticos.

Esse desafio orientou a formulação e aprovação pelo Ministério da Educação de novas diretrizes curriculares para os cursos de medicina em 2001, desencadeando um processo nas Instituições de Ensino Superior da revisão de suas propostas pedagógicas. Desse processo, foram concebidas, implantadas, implementadas propostas pedagógicas que a princípio, ou pelo menos em tese, vão ao encontro de demandas que se colocam à altura de atender o desafio hoje da educação médica.

São demandas as mais diversas e complexas, que vão da concepção do Projeto Pedagógico, ao desenvolvimento de processos de ensino que perseguem a promoção de sujeitos pensantes da sua realidade profissional e que aprendam a resolver variados problemas que nela se manifestam. A complexidade no atendimento a essas demandas tem se revelado de muitas formas, entre estas a que diz respeito a mudanças na compreensão e na postura dos docentes em geral, frente ao processo de ensinar e aprender cujas práticas necessitam ser trabalhadas do

ponto de vista didático e pedagógico.

Os Cursos de Medicina têm enfrentado esse desafio promovendo oficinas, encontros, cursos de formação didático-pedagógica para seu corpo docente, com o objetivo de problematizar a sua prática, de sensibilizá-lo e provocá-lo para rever suas concepções e posturas.

Assim, o presente artigo pautar-se-á em curiosidades, interesses e reflexões que surgiram nos momentos em que se problematizava a avaliação do processo ensino-aprendizagem. Entre outras questões colocadas destacam-se “O que avaliar mesmo?”, “Há um forma ideal de avaliar o conhecimento?”, “Como tornar a avaliação um processo de aprendizagem?”, “Que pressupostos existem para uma avaliação justa, válida e confiável? “Qual o melhor caminho para realizar o processo de avaliação?”.

São questões subjacentes ao QUÊ e ao COMO da avaliação que demandam a necessidade de reflexões filosóficas, de assumir posturas políticas e de encaminhar na prática pedagógica atitudes frente ao processo de ensinar e aprender. A intenção é, portanto dar continuidade a reflexão desencadeada, já sistematizadas em outros textos (QUEIROZ; HIRSCH, 2010), (QUEIROZ; CARVALHO; SANTOS, 2008), e aprofundar os caminhos abertos para que novas e outras possibilidades possam florescer.

## 2. DESENVOLVIMENTO

### A necessidade da busca por outros caminhos avaliativos

A pesquisa no campo da avaliação do processo ensino aprendizagem vem se ampliando a cada dia. Autores como Saul (2006), Hoffman (1999), Luckesi (2006), Freitas (1995), entre outros, têm nos ajudado a repensar a avaliação, com reflexões acerca das muitas inquietações e curiosidades levantadas.

À questão colocada “Há um forma ideal de avaliar o conhecimento?” pode-se inferir que ela não existe. Para a avaliação desta tão complexa atividade humana, que expressa a aquisição de conhecimentos, desenvolvimento de habilidades e atitudes pelos estudantes, muitas devem ser as formas, os instrumentos e os momentos de avaliação, todos determinados pela natureza dos objetos e objetivos de aprendizagem. Embora não exista uma forma ideal de avaliação, o que se vem construindo é um caminho diferente na utilização das diversas formas, instrumentos e momentos do processo avaliativo. Um caminho, que, mesmo com os percalços, é promissor frente aos problemas tão recorrentes na avaliação do processo ensino aprendizagem.

Esse caminho vai de encontro a determinadas práticas avaliativas de caráter reducionista. Uma delas é a de se privilegiar apenas os resultados finais da aprendizagem, incorrendo na desconsideração do processo de

construção do pensamento pelos estudantes. Uma avaliação, portanto, que não está para diagnosticar o estágio de pensamento dos estudantes, seus acertos e equívocos, nem reorientar o processo formativo, de forma a colaborar mais efetivamente na superação das contradições desse pensamento em construção.

Outra prática reducionista é quando se avalia a aprendizagem em momentos isolados mediante o uso de instrumentos insuficientes - provas. Provas, por vezes, pouco reflexivas, com predominância das de múltipla escolha, usadas como único instrumento de avaliação, em momento único, geralmente, ao final de uma unidade, de período, ciclo ou módulo. São instrumentos usados, que verificam, muitas vezes, apenas o nível de retenção de informações, em substituição à avaliação de capacidades próprias do pensamento complexo, que envolve a interpretação de dados e a resolução de problemas.

Além de ser pontual essa avaliação está para classificar os estudantes, sendo arbitrado um ponto de corte a partir do qual o estudante é aprovado/reprovado. Todos concordam que a avaliação é inerente ao processo educativo, mais ainda quando se está no âmbito da educação formal que tem a função, entre outras, de certificar os estudantes. É a partir da aprovação nas diferentes áreas do currículo que a escola certifica os estudantes em determinados saberes, métodos, condutas, procedimentos apropriados e dominados, para que possam exercer uma profissão, um ofício. Então, nos parece que o problema não está na classificação em si, mas talvez na predominância de formas arbitrárias de se chegar a essa classificação e nos meios insuficientes, ou quase nenhum, para fazer com aqueles estudantes, que não atingiram o padrão estabelecido pela escola, superem suas limitações e alcancem os objetivos e perfil desejados no curso. As autoras, no entanto entendem que tanto o corpo docente quanto as instituições em geral não tem se debruçado o suficiente para imprimir com mais firmeza o tanto que essa ação exige.

As questões “O que avaliar?”, “Como tornar a avaliação um processo de aprendizagem?”, “Que pressupostos existem para uma avaliação justa, válida e confiável?” são questões complexas, bem sabemos, que exige uma especificidade na sua abordagem, o que foge ao escopo desse texto, que pretende ser mais provocativo.

Sinalizamos, no entanto, que há necessidade de trabalharmos com mais afinco a relação objetivos de aprendizagem e critérios de avaliação. O que avaliar está profundamente vinculado aos objetivos e para tornar esse processo transparente a definição de critérios é outro aspecto fundamental. A indeterminação desses elementos dificulta sobremaneira a travessia de quem está aprendendo algo, por não ter referências para uma avaliação própria do processo que se vivencia. Essa problemática, reflexo de uma prática de avaliação ainda não muito clara, quem sabe, pode contribuir para avaliações

menos substantivas, criteriosas, o que se torna mandatário a determinação desses elementos no processo para que não se incorra em injustiça e se aumente a confiabilidade do processo. Há que se acompanhar o processo ensino-aprendizagem, desde o desenvolvimento dos conteúdos teóricos e práticos selecionados à retroalimentação pelo docente, para esse acompanhamento essa relação entre objetivos-critérios de avaliação é fundamental.

Nesse sentido, as autoras referem que é importante fugir das características da avaliação pontual, centrada na memorização mecânica dos conteúdos, punitiva, reducionista, antidemocrática por, entre outras razões, não tornar explícita a relação objetivos de aprendizagem e critérios de avaliação, autoritária por negar o que é fundamental num processo de ensino-aprendizagem: oferta de diversos meios e formas para a superação dos limites individuais e coletivos dos estudantes na apropriação de conhecimentos e no desenvolvimento de habilidades e atitudes.

Quanto à questão “Qual o melhor caminho para realizar o processo de avaliação?” pode-se verificar que quase sempre, ao se partir de uma situação idealizada de estudantes incorre-se na negação do estágio real de aprendizagem em que eles se encontram, pois, muitas vezes, se ignora as condições objetivas e subjetivas dos estudantes. Nesse sentido, e recuperando Luckesi (2000, p.07) o ato de avaliar pressupõe o acolhimento do estudante que significa:

*“A possibilidade de tomar uma situação da forma como se apresenta, seja ela satisfatória ou insatisfatória, agradável ou desagradável, bonita ou feia. Ela é assim, nada mais. Acolhê-la como está é o ponto de partida para se fazer qualquer coisa que possa ser feita com ela. Avaliar um educando implica, antes de mais nada, acolhê-lo no seu ser e no seu modo de ser; como está, para, a partir daí, decidir o que fazer”*

Na construção de um outro caminho de avaliar o processo de ensino-aprendizagem é salutar que se adote uma postura dialética para não se incorrer em outros reducionismos, como o de negar as avaliações somativas, as provas, as certificações, entre outros.

As possibilidades que surgem na construção desse outro caminho são promissoras. Por exemplo, conceber a avaliação numa perspectiva integradora e sistêmica, ou seja, avaliar as ações de todos os sujeitos responsáveis pelo desenvolvimento do processo formativo: gestores, coordenadores de curso, docentes e discentes, com o objetivo de diagnosticar se as funções, prioridades e metas estabelecidas no projeto pedagógico do curso vêm sendo alcançados, bem como os objetivos de aprendiza-

gem estabelecidos em cada disciplina/módulos

A avaliação aqui assume uma função diagnóstica que tem por objetivo identificar a real situação de quem está sendo avaliado, para, em seguida, atribuir um significado positivo ou negativo, ou seja, qualificar os resultados, e tomar uma decisão sobre o que fazer com esses resultados (LUCKESI, 2000). Um fazer que depende das condições do ensino, quer dizer, das orientações, meios e procedimentos adotados pelos professores para proporcionar a aprendizagem. Portanto, a avaliação significa uma real predisposição à transformação e à mudança, tanto de estudantes como de professores, residindo aí, talvez, seu caráter pedagógico.

A ampliação das possibilidades nesse processo de avaliação pode ocorrer quando se parte do princípio que a aprendizagem é processual. Em sendo ela assim, a avaliação precisa acompanhá-la, servindo para retroalimentá-la. O que significa averiguar o nível de partida dos alunos, ou seja, suas habilidades iniciais e seus conhecimentos prévios; o nível de desenvolvimento e o nível de chegada. Portanto, interessa, além dos resultados da aprendizagem, os processos mentais e estratégias concretas desenvolvidos pelos alunos no alcance dos resultados. Nesse sentido, a avaliação somativa não perde seu sentido, pois está em função da avaliação formativa, ambas com o objetivo de promover a aprendizagem.

Mas que processos e produtos de aprendizagens se constituem o foco da avaliação? O conhecimento ou as habilidades e atitudes? A partir da compreensão de que a apropriação de conhecimentos pelos estudantes se revela no desenvolvimento de habilidades e atitudes (TALIZINA, 1984), são essas que precisam ser avaliadas no processo de aprendizagem. Habilidades expressas nos objetivos de aprendizagem, orientadores do ensino, que dêem a ideia da profunda relação entre objetivos e critérios de avaliação, uma vez que estes existem para nortear como essas habilidades serão avaliadas.

Nessa perspectiva, a tomada de decisão por parte do professor dos critérios e dos instrumentos de avaliação, a proposição de ações para o redirecionamento da aprendizagem, requerem clareza em três aspectos fundamentais: nos objetivos de aprendizagem, entendendo-os como as habilidades lógicas, psicomotoras e sociais; nos conceitos e procedimentos fundamentais que os estudantes precisam se apropriar para atingir os objetivos; nas atividades que mais colaboram para as expectativas de desempenho destes (LUCKESI, 2000, p.10).

Consolidar práticas de avaliação na perspectiva aqui defendida exige, sem dúvida nenhuma, melhores condições de trabalho para professores, mais investimento em pesquisas e estudos dessas práticas. O caminho é longo e cheio de contradições e desafios, mas como vai ao encontro da promoção da aprendizagem vale toda a nossa aposta.

### 3. CONCLUSÃO

As questões que nortearam a produção dessas ideias, e que estiveram presentes na problematização das práticas de avaliação em diferentes encontros com professores, só em parte foram encaminhadas nesse artigo. Para o seu aprofundamento outras aproximações precisam ser feitas, como refletir concretamente as fragilidades e fortalezas de procedimentos e instrumentos de avaliação empregados hoje nos cursos, por professores, que vão ao encontro da concepção de avaliação aqui delineada, uma concepção democrática, integradora e acolhedora.

---

### REFERÊNCIAS

- [1] Freitas LC. Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática. Campinas/SP: Papirus. 1995.
- [2] Hoffmann J. Contos e contrapontos: do pensar ao agir em avaliação. 3 ed. Porto Alegre: Mediação. 1999.
- [3] Luckesi CC. O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem? In: Revista Pátio. Porto Alegre: Artmed. Ano 3, nº 12, fevereiro/abril, 2000. In: Avaliação da aprendizagem escolar. 18 ed. São Paulo: Cortez. 2006.
- [4] Saul AM. Avaliação emancipatória: desafio à teoria e à prática e reformulação de currículo. 7 ed. São Paulo: Cortez. 2006.
- [5] Saviani D. Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações. 8 ed. São Paulo: Autores Associados. 2003. (Coleção Educação Contemporânea).
- [6] Talízina NF. Conferencias sobre “Los fundamentos de la enseñanza en la educación superior”. Ciudad de Habana/Cu: Universidad de Habana/Departamento de Estudios para el Perfeccionamiento de la Educación Superior. 1984.
- [7] Queiroz SMD, Carvalho CSC, Santos ELC. Os desafios da avaliação do processo de ensino-aprendizagem: algumas reflexões. Texto apresentado na formação continuada dos especialistas da educação da Rede Municipal de Educação do município de João de Pessoa. 2008.
- [8] Queiroz SMD, Hirsch C. Avaliação do processo ensino-aprendizagem: outros caminhos, novas possibilidades. Texto apresentado na oficina de avaliação do Programa de Formação Pedagógica dos professores de medicina da Universidade Federal da Paraíba, ano de 2010.

